

ORAÇÃO DE D. VICENTE SCHERER

Foi a seguinte a oração pronunciada por D. Vicente Scherer, arcebispo metropolitano, na missa rezada em sufrágio dos fundadores e professores da Faculdade de Medicina, já falecidos:

“Esta solenidade religiosa, em sufrágio dos fundadores e professores desaparecidos da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, constituiu o primeiro ato comemorativo do cinqüentenário da sua fundação e da abertura dos cursos. A morte, que há mais ou menos anos ceifou tão preciosas vidas, não rompeu todos os laços que vos prendiam aos pioneiros do ensino médico no Rio Grande. Na ordem natural, vos sentis vinculados a êles pela saudade do seu convívio grato e proveitoso, pela admiração de seus talentos e virtudes singulares, pela perene gratidão que exigem os relevantes serviços que prestaram à coletividade.

Na ordem sobrenatural, não menos verdadeira, objetiva e real, permanecemos, unidos, pela solidariedade misteriosa fundada na comunhão dos santos, pela graça que nos enxerta no Corpo místico de Cristo cujos membros são os fiéis da terra, as almas do purgatório e os bem-aventurados do céu.

Nesta hora de oração e de saudade, seja-me lícito homenagear os professores e médicos falecidos da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, evocando a memória de duas figuras exponenciais, que entre outras muitas, me parecem símbolos, pela sua invulgar competência profissional e ilibada honestidade e pela exemplar solicitude e preocupação em prol dos interesses de ordem natural e das superiores exigências espirituais dos alunos e enfermos. Refiro-me aos professores Sarmiento Leite e Anes Dias. Sirvam as sábias lições de sua cátedra, e mais ainda as de sua vida exemplar, de brilhante estrêla polar que oriente com segurança o magistério e as atividades da prestigiosa classe médica do nosso Estado.

Julgo interpretar os sentimentos da população do Rio Grande, exprimindo nesta efeméride jubilar, o seu profundo reconhecimento pelos assinalados benefícios que a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, os seus abalisados professores e os competentes médicos por ela diplomados, lhe prodigalizaram.

Se fixamos a nossa atenção sobre a atividade que a classe médica vem desenvolvendo

entre nós, com sincera admiração devemos proclamar sua alta benemerência.

Com efeito, onde há um sofrimento, com a pessoa do médico, aguardado com ansiedade, surge, no ânimo do enfermo, a esperança que reanima e conforta.

E o que existe de mais difundido, de mais universal que o sofrimento? Do berço ao túmulo, qual anjo custódio, o médico acompanha a criatura humana, escutando o primeiro vagido da criança recém-nascida e recebendo o último suspiro do moribundo. Penetra no palácio do rico e no tugúrio do pobre. Poderosos e humildes solicitam a sua presença. Soldado em constante prontidão, o médico é um combatente de vanguarda, que nunca abandona a trincheira, não conhece tréguas porque o inimigo é a Morte e a Morte não morre. Porém, se ela empunha a foice, o médico maneja o bisturi. E o duelo se trava, muitas vêzes, dias e noites a fio, à cabeceira do doente.

O médico fiel à sua missão e obediente aos ditames austeros da moral vê-se cercado de uma auréola de respeito. Já os antigos o diziam: “Divinum opus sedare dolorem. É obra divina extinguir a dor”. A vida, o maior bem, na ordem natural, acha-se sob a tutela do médico. Sua atividade científica e profissional submete a própria morte ao serviço da vida, como indica a arrojada inscrição no teatro anatômico de Paris: “Hic locus est, ubi mors gaudet succurrere vitae. Neste lugar, a morte se compraz em auxiliar a vida”.

Não raramente a profissão do médico é qualificada de sacerdócio. Na realidade, como o sacerdote, médico das almas, há de desempenhar o sagrado ministério impulsionado pela caridade de Deus, esquecido de si, superior a todo interesse mesquinho e a qualquer ambição que não vise a glória de Deus e a salvação das almas, também o médico, longe de ser apenas um hábil ganhador de dinheiro ou um frio observador de cobaias humanas, considera sua profissão uma vocação e o seu trabalho um apostolado social, em cujo exercício espalha, a mãos cheias, relevantes benefícios aos indivíduos, à família e à coletividade. E sublima-se ainda mais a nobreza de sua missão quando êle se torna médico da alma, instruindo os clientes e apontando-lhes o caminho do dever em delicados problemas

de consciência. Com uma sugestão oportuna, uma admoestação amiga também prepara a visita do sacerdote que traz ao enfermo os tesouros da graça, depositados por Jesus nos sacramentos, e mais socorros da religião, que, proporcionando a reconciliação com Deus, a paz e a tranqüilidade do coração, valem também por agentes terapêuticos de primeira ordem e influem salutarmente na eficácia do tratamento adequado.

Graves são também as suas responsabilidades diante de Deus e da sociedade. A inocência da criança, a ingenuidade dos ignorantes e a pureza dos lares reclamam do médico sabedoria, delicadeza e honestidade. Não se sente autorizado para abrir exceções à lei natural e divina no que tange à continência, à moral matrimonial, à vida dos nascituros e dos inválidos. No exercício de sua profissão, vêzes sem conta o médico vê-se tentado por clientes ou pessoas da família com solicitações contrárias à lei moral, que é também o fundamento insubstituível da verdadeira felicidade e do supremo bem da sociedade. Situações dolorosas não faltam em que seus lábios pronunciarão a sentença que estamos habituados a ouvir dos homens de consciência, que colocam a fidelidade ao dever acima de outras considerações de qualquer natureza: "Non possumus. Não é possível". E longe de cooperar em intervenções e práticas atentatórias ao direito natural e divino, aos que pretendem aviltar a sua ciência colocando-a a serviço de paixões descontroladas, repetirá a palavra admonidora de São João Batista. "Non licet tibi. Não te é permitido".

Devendo pronunciar-se amiudadamente no exercício de sua atividade, sobre a liceidade de ações humanas em casos de extrema perplexidade, torna-se indubitável a necessidade de sólida instrução do futuro médico em assuntos e problemas que interessam fundamentalmente a ordem moral. Eis porque, com a devida vênia, lembro a conveniência, para não dizer necessidade, de erigir-se também em nossa Faculdade de Medicina uma cadeira de deontologia médica, como existem em não poucos estabelecimentos congêneres de países europeus, para assegurar aos diplomandos instrução segura e fundamentada em questões momentosas cuja solução acarreta conseqüências as mais relevantes para o enfermo e a sociedade humana, sem falar na responsabilidade do próprio médico diante do tribunal de sua consciência e, ainda mais, de Deus.

E o médico de íntegra formação moral mostrar-se-á plenamente à altura das exigências próprias do tempo borrascoso em que vivemos. Caracteriza-se à nossa época por um sentimento sempre mais vivo e universal de solidariedade entre os membros da coletividade humana. Ninguém pode quedar-se indiferente à sorte do seu semelhante, cidadãos que somos da mesma Pátria e filhos do mesmo Pai celeste que faz brilhar o sol sobre bons e maus. O apostolado social tem suas raízes profundas no coração de Deus.

Acreditamos na salvação do mundo unicamente pela observância dos mandamentos divinos, promulgados no Sinái e ratificados pelo Salvador no testamento do seu amor crucificado. O vasto programa de melhoramento social, que vai sendo executado por obra das autoridades públicas e graças à iniciativa particular, inspira-se em última análise, na solidariedade cristã, fundada no amor a Cristo, o Homem-Deus que a si mesmo tudo despojou, para servir e dar a vida pela redenção do mundo. Também espíritos retos, que se situam fora do campo doutrinário da Igreja, reconhecem e proclamam que os empreendimentos de caráter social devem ser animados por um elevado ideal religioso que vai expresso nas palavras do apóstolo: "Charitas Christi urget nos. Impele-nos a caridade de Cristo." (2 Cor. 5,4. Esta caridade de Cristo, viva e ardente no coração humano, lembra que até a criatura mais perdida possui uma alma imortal regada pelo sangue do Salvador. Eis a razão suprema da respeitabilidade da pessoa humana. O homem não é tão só o corpo álgido que o anatomista disseca à vontade sobre o morgue. O cliente não é apenas um "caso interessante" mas um ser composto de corpo e alma, com direitos inalienáveis e uma sublime destinação. E cabe certamente ao médico parte notável na honrosa e salvadora tarefa de abreviar a distância e destruir a oposição entre as diversas classes sociais.

É fora de dúvida que não está nas intenções do Criador a atual distribuição da propriedade. A excessiva desigualdade provocou a guerra surda ou declarada entre ricos e pobres, entre um grupo de privilegiados e legiões de desprotegidos, entre os que folgam, nos dias úteis e os que também aos domingos gemem e se afadigam. Sem justiça social e caridade, o ódio de classe se levanta em labaredas de sete vêzes sete côvados de altura, como as chamas da fornalha da Babilônia.

Mas ao lado do ódio triunfante e incansável que envenena e embriaga milhares de corações e mobiliza as multidões para a luta violenta, existem também reservas sempre crescentes de amor fraterno e operoso, que, sobre os abismos que separam, lança as pontes de generosa compreensão e eficaz auxílio, restaurando, unindo e pacificando. Ao lado do egoísmo grosseiro, duro como o metal das moedas e insensível como o aço das máquinas, manifesta-se a caridade modesta e desinteressada, em incessante dedicação a favor da justiça social e alívio aos necessitados. A legislação protetora do trabalho e dos trabalhadores, as iniciativas em favor de órfãos e abandonados, as multiformes obras caritativas e assistenciais, de caráter particular ou oficial, dão testemunho do sentimento de solidariedade e de justiça que domina os espíritos mais nobres entre os nossos contemporâneos, apóstolos e promotores de uma ordem social mais cristã e mais feliz.

Entre os pioneiros desta cruzada santa forma certamente o médico que, nas salas e quartos dos hospitais, nos consultórios particulares e nos lares, modestos ou opulentos da nossa cidade e do nosso Estado, visando o cumprimento do dever e a glória de Deus que tudo recompensa, nos aparece como samaritano

compassivo que derrama o óleo e o vinho nas chagas doloridas de atormentadas criaturas humanas, assaltadas e feridas pelas enfermidades e pelo sofrimento. Recebam os estimados médicos do Rio Grande, na faustosa data jubilar de sua afamada Escola, os meus calorosos aplausos e o testemunho de minha sincera admiração, por esta sua abençoada atividade, santificada pelo sacrifício, talvez conhecido só de Deus, que fez entrever a magnitude da recompensa dizendo: "Em verdade, vos digo, o que tiverdes feito a um destes pequeninos em meu nome, a mim o tereis feito".

Nutrimos a consoladora certeza de que os beneméritos fundadores e professores da Faculdade de Medicina, que sufragamos nesta santa missa, tenham recebido de Deus o magnífico galardão que asseguram principalmente as obras de misericórdia espiritual e corporal, para os quais o exercício da medicina oferece constantes e preciosas ocasiões.

Com as nossas orações pela suas almas, sobem ao trono de Deus os fervorosos votos pelo constante desenvolvimento das atividades científicas da Faculdade de Medicina, conceituado centro de cultura médica de que o Rio Grande e o Brasil com razão se orgulham, e pela felicidade dos seus respeitáveis professores e distintos alunos".